



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15750 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT22 - Educação Ambiental

EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE UMA ESCOLA NA CAATINGA: PISTAS PARA SE PENSAR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ANTIRRACISTA

Iago Gomes da Silva - ESCOLA

Marco Antonio Leandro Barzano - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE UMA ESCOLA NA CAATINGA: PISTAS PARA SE PENSAR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ANTIRRACISTA

Não há descolonização sem um giro político e poético em que a libertação dos oprimidos perpassa por educações para as diversas formas de vibrar no mundo. (Luiz Rufino)

Grupos dominantes detêm o domínio espacial e ditam as regras de segregação e expulsão, mas não podem impedir, ao seu modo totalitário, que as existências sejam ativas. (Joice Berth)

1 INTRODUÇÃO: UM CONTEXTO

O presente texto é um recorte da pesquisa de mestrado em Educação que teve como objeto de estudo a partir de uma análise narrativa acerca do racismo ambiental como marcador estruturante das relações espaço-temporais de jovens estudantes de uma escola pública situada no interior da Bahia, caracterizados como sujeito-escola.

Neste texto, apresentamos uma reflexão crítico-teórica acerca do tema de pesquisa a partir de experiências narrativas com estudantes do ensino médio de uma escola situada em um contexto da caatinga baiana. Tal reflexão é inspirada a partir do referencial teórico decolonial, que possibilita alcançarmos não apenas uma posição contra-hegemônica, mas engajada, conforme é proposto por Luiz Rufino (2019; 2021); Antonio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo (2022; 2023), e Ailton Krenak (2019; 2020) que têm tratado do que coletivizamos enquanto “encruzadas pedagógicas”, um termo utilizado como uma tentativa de agrupar, sobretudo, dois autores, o Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas (Simas; Rufino, 2018), de onde termos como este ou semelhantes (encruzilhada, cruzas) compõem suas formulações, que por sua vez surgem de uma análise semelhante da educação e da pedagogia

aproximando-as do que é a cultura popular brasileira, portanto, afroindígena-brasileira, mas também aproximar “filósofos da terra” como Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos, que também tratam acerca da temática.

A raça é compreendida como um marcador estrutural e essencial de toda base de exploração incidida a partir da modernidade ocidental. Os resultados apresentados no presente texto buscam contribuir para o exercício dos sentidos nos processos de ensino-aprendizagem como parte indispensável na constituição de outras práxis políticas de invenção e reinvenção de subjetividades dispostas a *levantar os céus, a adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019) e, quem sabe, erguer outros. Temos, assim, enquanto objetivo geral desta pesquisa, possibilitar reflexões a partir de uma necessária racialização do debate ambiental com ênfase em um ensino-aprendizagem contextualizado a um exercício constante da produção de pistas nas experiências do cotidiano escolar.

2. O MÉTODO DA CARTOGRAFIA PARA INSPIRAR INSURGÊNCIAS

O que é denominado enquanto insurgências neste trabalho parte da conceituação de processos e processualidades enquanto uma relação de processos contínuos – não sequenciais – estabelecidos a partir de estímulos que, dentro da pesquisa cartográfica realizada na pesquisa, se deram a partir do diálogo enquanto ferramenta metodológica e contribuiu para construção do campo. Ao contrário dos processos, as processualidades não necessariamente emergem de forma espontânea, mas como movimentos em que a separação entre sujeito e objeto é tensionada mesmo sendo uma forte construção mental imposta pela modernidade ocidental.

A construção das processualidades dentro da pesquisa cartográfica foi construída em uma realidade marcada pelo colonialismo e se torna, portanto, também uma ferramenta metodológica decolonial.

No dicionário comum, a significação de insurgir geralmente é associada à manifestação de um “desacordo”, de uma “oposição a algo”, de “rebelar-se contra”. São estes movimentos de construção de insurgências que a cartografia busca acompanhar, às captações das frestas, dos pequenos espaços, em que há outras possibilidades, novos caminhos/descaminhos que nos fazem operar em outras vias possíveis e aprender e ensinar com estas.

Assim sendo, podemos afirmar que são

Nos espaços deixados (que) operam muitos contragolpes, numa infinidade de flechas atiradas que não sabemos onde cairão e quem irão acertar: são elas as responsáveis por outras possibilidades de invenção do mundo (Simas; Rufino, 2018, p. 98).

Cartografar em uma realidade marcada por raízes colonialistas nas formas de ser, de saber e de poder é, portanto, praticar a decolonialidade enquanto processualidades constantes de produção, enquanto invenção de si mesma e enxergá-la nos processos dos pequenos movimentos, ou seja, nas insurgências do cotidiano.

A pesquisa-intervenção aconteceu em um colégio do interior da Bahia,

Território de Identidade do Sisal, e que em seu perímetro urbano há fortes marcadores de espaço rural, tanto na presença de “casas-fazendas” quanto em atividades econômicas que mesclam a pequena presença de comércio com agricultura e criação de animais de pequeno e grande porte.

Participaram dez jovens estudantes com idade entre 15 e 17 anos, sendo sete do espaço rural, e três do espaço urbano; três do gênero masculino e sete do gênero feminino, e todos os participantes declaradamente negros.

Foi realizada uma oficina que ocorreu a partir de três etapas:

- Oficina de aproximação dos conceitos de “meio ambiente” e racismo;
- Oficina de aproximação de “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus e do “fazer carolinesco”;
- Oficina de produção de uma colchografia a partir de pistas cartográficas produzidas pelos próprios sujeitos participantes.

A metodologia adotada na pesquisa, ao fazer uso também da transição da observação participante à participação observante (Barros; Kastrup, 2020) possibilitou muitas das insurgências narradas ao longo desta produção. Ao compreender a ancestralização enquanto quebra da temporalidade ocidental – que permite a observação apenas enquanto tempo presente –, a memória é um recurso que se faz intensamente, sendo possível cartografar um ambiente temporalizado por sua constituição com os sujeitos que o integra e as narrativas que o compõe a partir de uma conexão com outros sujeitos e narrativas que transgrediram a barreira limitante da morte física.

Diante do escopo deste texto, teceremos a seguir, uma reflexão teórica a partir das narrativas apresentadas pelos/as estudantes durante as oficinas, além de nossas observações ao longo da do desenvolvimento da pesquisa.

3. NARRATIVAS CIRCULARES MARCADAS POR RESISTÊNCIAS AO RACISMO AMBIENTAL

Um modelo de educação já esbarra em sua própria limitação que condiciona qualquer ensino-aprendizagem a um risco alto de equívocos: a proposição em ser modelo. Ao estabelecer ordenamentos, regras, fórmulas inquestionáveis e construídas anteriores ao próprio movimento de ensinar e de aprender, a prática pedagógica em questão deixa de levar em conta elementos das subjetividades do espaço e do tempo em que os sujeitos se encontram para produzir saberes. O compartilhamento destas práticas é importante e tem um papel inspirador na invenção, mas não se trata de modelar e sim de despertar para o ato criativo enquanto reinvenção de novos seres.

A raça é uma invenção da modernidade ocidental que orientou o princípio basilar material e ideológico da colonização, estabelecendo hierarquias de poder, de saberes e a forma a qual se lidaria com estes e formas de existir controladas por uma alta gama de instrumentos e ferramentas que se criam e recriam ao longo da história, mas que sempre se projetam na população não-branca a partir do que Grada Kilomba (2019, p.119) descreve como “alienação de si mesma/o”. Neste processo

O sujeito negro é forçado a desenvolver um relacionamento com o eu e a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador, produzindo em si mesmo a condição, internamente dividida, de

Este roteiro projetado pelo mundo colonial é absorvido de inúmeras formas, mas não há dúvida que ele é aprendido por múltiplos caminhos que buscam ao mesmo tempo alcançar o maior quantitativo possível de pessoas e esmagar qualquer possibilidade que há de celebração da própria diversidade. Em trecho da primeira etapa da oficina de campo, no exercício de busca de palavras-chaves relacionadas a racismo, aconteceu a seguinte narrativa:

- Eu botei ódio porque eu penso que para existir racismo deve ter ódio. Porque a pessoa que pratica racismo não deve ter amor próprio. Porque, por exemplo, se você não tem amor próprio, você, como dizia aquela frase aí, você tem que tratar o próximo como? (Jovem estudante 1)

Ainda que as pessoas sejam naturalmente diversas, elas/nós também são/somos historicamente diversas, culturalmente muitas. Quando não reconhecemos a diversidade que o outro é, nós não reconhecemos a diversidade que também somos e que as nossas histórias existem diversidade até mesmo em formas de serem narradas. Mas a colonização transforma toda e qualquer diferença possível em produção de desigualdade, estabelecendo modelos, hierarquias, sistemas de exclusão e projeta assim a violência enquanto única forma de existência possível. Toda essa violência também projetada à Natureza.

O colonizador começa por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. (Bispo dos Santos, 2023, p.12)

O colonialismo sendo a continuidade e reinvenção constante dos mesmos princípios instaurados a partir do erguer de um mundo colonial também desterritorializa os sujeitos de forma material e subjetiva, também lhe quebra a identidade e busca esmagar todo o cósmico, o sagrado e o profano para assim manter este mesmo mundo em pé.

Como lança em flecha palavras, Luiz Rufino (2021) afirma que os viventes daqui e de qualquer lugar do planeta não apenas sabem quais são os modos contrários ao modelo de colonização, mas “conhecem meios de transgredi-lo mesmo sem utilizar certas nomenclaturas” (p.50). A compreensão de anti-colonização enquanto forma constante de criação e invenção territorializa os sujeitos materialmente e subjetivamente, constrói identidade, (res)estabelece cosmovisões e contato com o sagrado e o profano para assim manter os pés firmes na terra, tocando o solo, os terreiros, sentindo o ambiente ancestralizado e contribuindo para ancestralizar mais ambientes.

Durante a parte de observação de campo realizada na pesquisa, um estudante e duas estudantes foram avistados no pátio observando uma aranha em sua teia e, enquanto o primeiro buscava fotografá-la, ficamos a pensar em como a Natureza transborda o espaço institucional da própria escola. Aquela aranha, em

sua teia, não era parte controlada do que é a escola-ambiente, mas chamou a atenção dos sujeitos que inverteram (mesmo que por alguns minutos) e estabeleceram uma relação ambiente-escola. Aquela cena de insurgência à formalidade das aulas estabeleceu uma atenção voltada ao que comumente não é percebido no espaço em que há proposições de ensino-aprendizagem para se pensar o ambiental.

Consideramos que o modo de fazer da Educação Ambiental precisa se encontrar no enfrentamento de toda forma de desigualdade avistada, mas para isso precisa nascer do “campo” e não impor um “campo” que já possui conceitos prévios e que muitas vezes não explica aquela realidade específica. Numa existência *catíngueira, como é o ambiente em que o colégio se insere*, não é o urso polar o ameaçado, mas uma fauna local composta por bengos, preás, mocós, sabiás, jacus, cascavéis. Não se trata de abrir mão da preocupação sobre o que acontece do outro lado do mundo, mas de que se faz necessário partir de “algum lugar”, e esse começo deve ser de onde nossos pés pisam e das frestas possíveis de serem avistadas, como nos ensina Nêgo Bispo (Bispo dos Santos; 2022; 2023).

Em manifestação narrativa da oficina de campo insurgiu o seguinte trecho de um estudante: *“Para fugir desses meios sociais, eu trouxe no meio ambiente a “cura”. A cura que está se voltando mais para a natureza.”*. A palavra-chave “Natureza” está associada à cura enquanto processo de superação da violência instituída a corpos negros.

Ao questionar sobre o uso da palavra-chave “outra metade” foi respondido: *“Isso é engraçado, porque eu falo meio ambiente. Quando a gente vai falar meio, sempre tem a outra parte”* (Jovem estudante 2). A outra metade é narrada como a parte negada ao que é também Natureza, mas não tratamos como: nós. Essa fratura que nos distancia da integração ao ambiente/ao planeta é fortalecida materialmente e subjetivamente pelo racismo ambiental que além da negação da confluência com este também produz uma forma de sociabilidade condicionada a esta mesma lógica, o que fortalece e “naturaliza” a ideia de que somos agentes externos a ele.

Conceitos como “meio ambiente”, “Natureza” (quando compreendida como algo externo a nós) precisam ser tomados e pensados a partir de nossos pés e insurgirem das realidades dos sujeitos e não tomados como bases prévias instituintes de uma forma de ensinar que não encontra no aprender uma sintonia. Esta é uma condição do racismo ambiental enquanto marcador moldador de subjetividades compatíveis com o mundo material instaurado pela colonização e mantido pelo colonialismo, que impossibilita os sujeitos de tomarem consciência de sua configuração temporal e espacial, se vendo como o outro histórico e o outro do próprio lugar que fazem parte.

Todo o processo de colonização passa por desaprender sobre a Natureza. O avanço da modernidade ocidental intensificou à máxima a separação entre nós e a Natureza, assim nós passamos a conhecer menos sobre nós e menos sobre a Natureza (visto que somos a mesma coisa). Mas o processo de anti-colonizar não é uma etapa posterior a isso, logo não existe reaprender conhecimentos acerca do que é a Natureza, porque nós não deixamos de saber quando a colonização atravessa nossos saberes, nós continuamos conflituando, insistindo, insurgindo com os recursos que temos.

E são os resultados que se ancestralizam na forma de ambientes, passando de geração a geração a partir de aromas e sabores de comidas, sons de pandeiros e violas, dos toques de nossas avós em nossas cabeças, no barulho do canto de pássaros que preenchem a caatinga. Este processo de insurgir e embeber os ambientes com nossos sentidos só é possível de acontecer por meio de uma mística que transpassa as colonialidades por meio de curvas, desvios, finezes e,

sobretudo, imaginação, afinal há a necessidade de uma capacidade inventora de novos mundos que parta do que Ailton Krenak (2024) chama de “sensibilidade cósmica”, que é o não achar que estamos apenas dentro de uma esfera, o planeta Terra, mas que somos parte do próprio cosmo^[1], acrescentamos: como receptoras, como passadoras adiante e inventoras dele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cartografar insurgências foi a forma de existir que esta pesquisa encontrou para pensar acerca de processos de ensino-aprendizagem e que apresentamos neste texto, ou seja, de processos e processualidades produtoras de subjetividades, envolvidos diretamente na construção de uma memória e uma práxis condicionada a uma educação ambiental que, para tal, precisa ser necessariamente antirracista. São nas frestas encontradas durante o campo que se condicionam as formas de ensinar e as formas de aprender compromissadas com as potências transformativas e inventivas de outros mundos, visto que nelas residem os desvios das normas, padrões, modelos e uma efervescência de criatividade e novos seres prontos para nascer. Mesmo que o colonialismo ainda interceda sufocando, o anti-colonialismo é a sua antítese narrativa anunciada como única forma de adiamento possível do fim do mundo.

REFERÊNCIAS

BARROS DE, Laura Pozzana e KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos; In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade/ orgs.** – Porto Alegre: Sulina, 2020.

BERTH, JOICE. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades.** – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O impacto do Homo sapiens no planeta Terra.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=33Rlocobhhs> Acesso em 06 de julho de 2024. RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SILVA, Iago Gomes da. **Outros quartos e outros despejos: uma colchografia de narrativas acerca do racismo ambiental a partir do sujeito-escola.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

